ANO 5.º | Sexta-feira, 21 de Junho de 1912 | NUMERO 226

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$200 réis
Semestre	600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$500 réis
Avulso	20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

(*)

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	40 réis
Comunicados	20 réis

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

EMFIM!

Após doze dias de successivos fracassos e exuberantes demonstrações de aparente irredutibilidane dêsses que errada e desgraçadamente se julgáram senhores feudaes dos destinos dêste povo e désta nacionalidade; procuráde de novo quem já alijára a taréfa de que o incumbiram; chegádo o momento imperiosamente defenido pelas ciscumstancias que se esboçavam com toda a nitidez; erguidos os protéstos por toda a parte levados até ao chefe da nação em telegramas e em cartas, que traduziam fielmente o espirito nacional; os grandes senhores apavoraram-se um quasi nada, mas o bastante para, abatendo atitudes olimpicas, entrarem no campo positivo da realidade, identificando-se com as necessidades do país, de quem só são apenas méras particulas representativas.

A uns tempos a esta parte aqui temos, sem rodeios nem tergiversações, combatido o criminoso desleixo e não menos criminoso abandono que por parte dos poderes constituidos em tudo se tem manifestado, deixando tambem que tudo chegasse á grâve situação em que nos encontrâmos.

Por mais duma vez temos francamente declarado que não nos cégam preferencias por ninguem.

Suficiente e puramente republicanos, só pelas instituições que definem o nosso sentimento, acudimos.

Mas justamente por isso n s sentimos moralmente autorisados a condenar quem quer que seja, que abuse, que erre ou prevarique seja êle quem fôr, venha de onde vier. E o nosso sentir, expresso franco e claramente nas humildes palavras aqui reproduzidas, animáva milhares de corações que, como nós, reconhecêram a necessidade de intervir decidida e proveitosamente.

Pois quê? Sem dificuldade alguma constitucional, nem a mais léve; sem embaraços politicos, o mais passageiro; sem entrave algum de ordem superior, o mais insignificante, póde admitir-se o prolongamento duma crise que entrava já no campo verdadeiramente vergonhoso sob todos os pontos de vista, que, provocada sem razão alguma, prometia eternisar-se pela teimosía inqualificada do autoritario sr. Brito Camacho, que, qual Jupiter tonante, assentou no seu alto bestunto a realisação no ano corrente das eleições municipaes; do amuo de despeito do semi-deus abatido, o sr. Antonio José de Almeida ou da infalibilidade politica do sr. Afonso Costa?

Por principio nenhum.

Enfastiado com o ridiculo da situação, para não dizermos doutra fórma, o chefe da nação, junto de quem chegavam brados de indignado protésto manifestamente indicativos da fórma de outro processo a seguir, francamente falou áquêles que, com o seu procedimento, se colocavam fóra do respeito público e até da merecedora fé nacional pelo seu crédo politico.

A possibilidade prevista por nós e aqui demonstrada pelas nossas palavras no passado numero do *Democrata*, sería, dentro de horas, uma realidade consumada.

Para que não fôsse uma surpreza; para que déla houvese absoluto conhecimento pelos unicos responsaveis da situação, em varios telegramas enviados pelas mais importantes colectividades politicas e secrétas, foi transmitido o sentir nacional, o desgosto profundo do povo—o verdadeiro soberano—que jámais nos oito seculos da nossa existencia deixou de intervir eficaz e gloriosamente na salvação da integridade do seu territorio e na salvação da sua nacionalidade!

Bom, muito bom fôra que esse grito de alma, esse brado patriotico acordasse, chamando ao caminho do dever e da honra, todos quantos, obsecádos pelas suas ambições e vaidades, se mantinham fóra do programa e da causa, pela qual êles e todos nós largos anos nos batemos, sofrendo e calando.

Bom foi, repetimos; porque iniciado o movimento do protesto nacional contra a situação vergonhosa que véxava o país ha doze dias, quem sabe onde até iria êle e quantos dos responsaveis inconfundiveis da situação, teriam de ser expulsos dos logares e encargos de que não parecem têr a consciencia e responsabilidade bem nitida!...

A historia regista muitos factos dêstes e não menos temos visto—os homens não se fazem...

No Transval, quando o clarim ecoou pelas encostas das montanhas e pelas aldeias, chamando os seus filhos queridos á defeza da Patria ameaçada, aqueles que mais tarde assombraram o mundo com a sua tática e com a sua valentia no campo da guerra e na escola da guerra, tinham deixado o rabo do arado para pegar no punho da espada!

Foi preciso para a Inglaterra, envaidecida pela sua força e ferida, perante toda a Europa espantada, no seu egoismo e amor proprio; foi preciso que éla enviasse, além de centenas de milhares de homens, os seus mais prestigiosos cabos de guerra, para vencerem, ainda assim, pelo numero, que não por melhores conhecimentos, os bravos e heroicos generaes transvalianos.

Este confronto, que alguem póde chamar parabolico, traduz, e digâmol-o bem alto, a possibilidade e absoluta convicção em que estâmos de que o país, prescindindo de *pavões* e *tubarões*, precisa mais de obras do que de palavras, podendo, sem receio de prejuizo, dispensar e pôr de parte aquêles que, esquecendo as suas palavras e o seu passado, se supõem indispensaveis ás instituições e á nação, abusando errada e afrontosamente do seu valor real, da sua situação de momento.

Não se admire nem estranhe o deputado sr. Jorge Nunes, o movimento que por horas não se realisou.

Se s. ex.ª procurasse indagar as verdadeiras causas da vergonhosa demora na constituição do gabinête atual e lembrasse a conveniencia de se não repetir tão baixo espectaculo — com o reforço dos apoiados do sr. João de Menezes—bem melhor sería, do que pedir teatralmente a cabeça dos que, como bons e verdadeiros patriotas, vinham impôr a vontade nacional aos que se esqueciam de que éla é a unica e a soberana!

Revolte-se, sr. Jorge Nunes, contra aquêles que eram os unicos responsaveis da situação e que, fóra da ordem, chamávam á desordem, se assim se pode classificar, os que só por esse processo poderiam pôr côbro ao desgraçado espectaculo fornecido durante doze dias pelos que de hora a hora convenciam o país inteiro da sua loucura, se não fosse da sua traição.

Ao grupo sintetisando o sentimento nacional, que de face erguida falou, denunciando o seu fim e o seu proposito ao sr. governador civil do Porto, desafiamol-o, sr. Jorge Nunes, que para êle consiga do govêrno, a respectiva pena para o seu grande crime!

O sr. Jorge Nunes, *perdeu uma belissima ocasião de estar calado*...

* * *

Chamado de novo o sr. Duarte Leite para constituir e presidir á formação do govêrno, sucessor do do sr. Augusto de Vasconcélos, conseguiu s. ex.ª a realisação dos desejos da nação inteira poucas horas após a sua chegada á capital.

O sr. Duarte Leite, reune todos os predicados indispensaveis para o momento historico que atravessâmos.

Alheio a todas éssas *coteries* ridiculas que se formáram; velho e puro republicano, fulgido talento, persistente, energico e profundamente consciencioso; identificado com a alma nacional, o sr. Duarte Leite é, nêste momento, para nós, como é para o país inteiro, uma esperança segura de que as instituições terão quem as sirva, sem outra preocupação do que a grandeza dêsse sentimento, e de que alguem vigiará, defendendo sem tréguas nem fraqueza, decidida e valorosamente a Republica.

Subscrição

aberta pelo *Democrata* para a compra duma bandeira que, por iniciativa do *Grupo Defeza da Republica de Aveiro*, deve ser ofertáda ao regimento de infanteria 24 aquarteládo nésta cidade:

Transporte	18$300
P. A.	2$000
Antonio Felizardo	500
Manuel Cunha	1$500
Beja da Silva	2$500
Ananias de Lemos	1$000
D. Maria Ramos Lemos.	500
Humberto Bessa	500
Julio Cristo	500
Soma	27$300

Teatro Aveirense

Agradáram sobremaneira as récitas da companhia do Avenida, de Lisboa, na segunda e terça-feira, com a *Casta Suzana* e *Amor de Principe*.

A casa estáva á cunha havendo fartos aplausos.

SERÊNAMENTE

Vão decorridos dias, pelo menos tantos quantos os que medeiam da ultima sexta-feira até hoje, e por isso é com toda a placidez de espirito que vâmos lavrar o nosso protésto contra o que aí se está dando, da responsabilidade exclusiva das autoridades, pois a mais ninguem compéte velar pela ordem e segurança dos cidadãos, como a mais ninguem compéte dar cumprimento ás leis do país fazendo-as respeitar e integralmente defender. Referimo-nos, é claro, ao que se passou comnosco na tarde da pretérita sexta-feira quando nos defrontámos, nos Arcos, com um prestito religioso que andáva na rua, ao qual não tirámos o chapéu, como é do nosso costume desde que éssa obrigação caducou, e que nos valeu désta vez sermos insultados e ameaçados de viva vóz, durante o tempo que apeteceu ao inflamádo devoto, sem que um guarda policial aparecesse a intervir, um agente da ordem surgisse a convidar o colérico zaragateiro a formular o seu protésto... no comissariado.

E' unico o que se está passando em Aveiro com as procissões. Verdadeiramente unico porque não ha nada que justifique a concessão de licenças para que taes actos continuem a exibir-se na via pública, quando por mais duma vez varios conflitos teem estádo iminentes só não se dando devido á muita prudencia dos livres pensadores, quiçá ao indiferentismo com que se acostumáram a ouvir as babozeiras dêssa gente, que não sabendo o que diz se julga no entanto cheia de razão para nos provocar e insultar, como se estivésse em país conquistádo.

Será debalde que apelâmos para o sr. governador civil; mas deixe-nos s. ex.ª dizer-lhe que, a continuarem os abusos e a intolerancia reaccionária, sobre os seus hombros pesará a grande responsabilidade do primeiro conflito que se dér o qual só depende, estâmos em crê-lo, de nova permissão para serem arrogantemente passeádos na rua os simbolos da mentira com que a padralhada explora a ingenuidade e a algibeira do nosso povo.

Dizem-nos que ao poder judicial foi ou vai ser entregue o individuo que contra nós proferiu as insolencias a que nos reportâmos. Não sabêmos nem queremos saber disso. O que só nos importa é que as autoridades que concedêram licença para a saída da procissão, tivéssem de todo descurádo os seus devêres até ao ponto de mandárem retirar da rua toda a policia precisameute no momento em que mais necessario se tornava a sua presença, e que deu logar ao incidente que, se não fôsse a intervenção de amigos que muito presâmos, talvez tivésse sido a causa de estarmos a esta hora ou no fundo duma cova, no cemitério, esmagádos pela força bruta de duas duzias de intolerantes ou entre as quatro paredes dum carcere tendo ás costas —quem sabe?—talvez o infamante labéu de assassino, se porventura nos déssem tempo á defeza.

E ainda ha quem se queixe e quem diga que a Republica coartou, aos monarquicos, a liberdade... de conspirar!

Não; a Republica não coartou tal nem éssa liberdade nem outras, como sejam, por exemplo, a do insulto e da ameaça em plena rua, a cidadãos que no uzo dum direito que a lei lhes faculta, se não descobrem á passagem de prestitos, como os organisados em Aveiro, com o fim de explorar a crendice dos pacóvios.

Se foi para isto que a lei da Separação apareceu, francamente, o melhor é rasgarem-n'a por uma vez, deixando que tudo corra á mercê do arbitrio de qualquer, á semelhança do que se fazia em tempos não muito distantes sob a bandeira das côres azul e branca escolhidas hoje, de preferencia, para a ornamentação dos templos em dias de festa.

Coisas & tal

Por engano?

No julgamento, á revelía, a que se procedeu na segunda-feira no 2.º distrito criminal do Porto, fôram condenádos a 6 anos de prisão maior celular, seguidos de 10 de degredo ou na alternativa de 20 anos de degredo, Paiva Couceiro e os seus cumplices que em 5 de Outubro de 1911 entráram em Vinhaes onde proclamáram a monarquia, percorrendo depois as ruas em manifestações até que, persentindo a proximidade das tropas fieis ao regimen republicano, se escapoliram de novo para Espanha á espéra de melhores dias, que nunca chegam.

A sentença fez sensação pelo costume em que se estáva de vêr pôr na rua conspiradores confêssos, cheios de culpas, sim, mas todos procedendo — sem intenção criminosa!...

Os santos inocentes...

18 de Junho

Fez na terça-feira cinco anos que João Franco passou na estação de Aveiro a caminho de Lisboa, depois de ter colhido os louros com que o Porto o mimoseou a proposito da sua politica nefasta.

Recordâmos a data porque jámais nos esqueceram as violencias contra nós exercidas na gare da estação donde fômos expulsos pela policia antes da chegáda do comboio e presos até á passagem do famigerado bandido.

Estávam então os Pedros em pleno reinádo...

A crise

Como noutro logar dizêmos, a crise ministerial solucionou-se, tendo-se já na segunda-feira apresentádo nas duas casas do Congresso o novo gabinête a que preside o sr. dr. Duarte Leite.

E' assim constituido:

Presidencia e Interior — **Dr. Duarte Leite**

Justiça — **Francisco Correia de Lemos**

Finanças—**Antonio Vicente Ferreira**

Estrangeiros — **Augusto de Vasconcélos**

Guerra—**Correia Barreto**

Marinha—**Dr. Fernandes Cósta**

Colonias — **Cerveira de Albuquerque**

Fomento—**Dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira**

Ministério saído de todos os grupos que na câmara teem preponderancia, chamam-lhe os jornaes ministério de concentração e de defeza da Republica, *como é necessario que seja no atual momento.*

Aguardêmos, portanto, a sua acção benéfica.

Um gésto

Têve-o, ultimamente, sem aquêle alarde que se via dantes, o venerando presidente da Republica, indultando, depois duma minuciosa visita á Penitenciária de Lisboa, os velhos com mais de sessenta anos de edade, os doidos com a rasão de todo perdida, os imbecis e os tuberculosos com poucas esperanças de vida, no que revelou possuir o maior dos sentimentos, como é o sentimento de humanidade.

Comtudo ainda alguem houve que pretendeu desvirtuar o gésto do sr. dr. Manuel de Arriaga, embrulhando-o nas colunas do Dia.

E' até onde póde chegar a malvadez dos homens quando atacádos pela bilis da ingratidão ou do despeito.

Sobre religião

Continúa a talassaría a querer explorar com as procissões e de mais actos do culto e por isso se finge indignada quando alguem não tóma a sério essas bambochatas e se consérva impassivel ao vêr passar os cerimoniosos mordomos, de opa encarnada, marchando ao som cadenciádo da musica, sem se lembrárem da triste figura a que os conduz o descredito em que caíu a religião de Cristo, tal como a prégam os que déla se aproveitam para governar a vida.

E que da nossa parte é que veem as provocações, clamam, os pobres inconscientes, aos quatro ventos.

Ora para que nem êles possam dizer que sômos nós que os provocâmos, nem nós nos possâmos queixar de que são êles que nos provocam, ha um remedio facil de evitar conflictos—é a autoridade não consentir mais que na via pública transitem cortejos, quaesquer que sejam as religiões que representem.

E fica assim sanádo o negocio.

O "Hoche,,

Continúa na Inglaterra êste célebre juiz a quem o govêrno, ao que parece, ainda não suspendeu pagamento apezar das condições em que se encontra.

Teria o sr. Antonio Emilio aderido ao evolucionismo?...

Invenções

Da lavra do Bébes *apareceu no ultimo n.º do orgão dos taberneiros a noticia de que se indigitáva para novo governador civil de Aveiro o sr. dr. Luiz Guimarães, actual presidente da Comissão Administrativa Municipal e a de que tambem vai pedir a sua demissão de comissário de policia o sr. Beja da Silva, cujo logar tem exercido com a maior competencia, zelando, como poucos, os interesses da Republica.*

Escusádo será dizer que nenhuma délas tem fundamento. O Bébes *é que, agarrando a carraspâna, se põe a inventar com a presunção de só êle ter espirito... de vinho...*

E os outros colégas da bôa imprensa, *da* imprensa séria, honesta e moralisadora?!...

Buchas

Noticiáram os jornaes que os conspiradores portuguêses sofreram nova apreensão de armamento a bordo dum navio suspeito que tocou num dos portos da Belgica, e —notável coincidencia — quasi ao mesmo tempo egual sorte têve um carregamento de exemplares do livro de Homem Cristo que transitáva por La Guardia com o fim de cá ser intruduzido clandestinamente.

E não passâmos disto — armas para Espanha, buchas para Portugal...

Um bilhête

Recebemol-o ante-ontem á noite pelo correio e diz assim:

... Sr. Redactor

V. déve mandar agradecer ao sr. governador civil o ter-lhe proporcionado os insultos de que foi vitima na sextafeira. *Hay que gramar*... A Aveiro ainda não chegou a Republica. Quem manda são os carolas. Se os republicanos são... sapateiros e alfaiates e os monarquicos são aristocratas, para que lado hade pender a balança do Terreiro?!... Quando chegaremos a ter um governador civil que... não seja de aguas mornas?...

Descance o amavel correspondente. O sr. Ribeiro de Almeida não é tão mau como o querem pintar, apezar de ter caído nas bôas graças dos talassas. *Só tem um defeito: ser muito esquecido e não se lembrar dos exemplos deixádos pelo seu antecessor.*

O vinho

Dizem os tratadistas que é de todos os liquidos o mais precioso, quando bebido em pequenas dóses, ás refeições, de modo que possa auxiliar a digestão e nunca transtornar a mioleira, como acontece, por exemplo, aos jornalistas *defensores das* lidimas individualidades da nossa terra *para quem um copo do verdasco ou mesmo dez reis da rija, em jejum, é o melhor estimulante para auxiliar, inspirando-os, os seus artigos.*

Por onde se conclue que o vinho não tem só a aplicação que o tratadista lhe quer dar...

Bem o préga Frei Tomaz...

Nunca vimos tão bem justificado este velho comentario!

O sr. dr. Ataide, que fizéra, horas antes do facto que vâmos apontar, uma soberba conferencia sobre —a alimentação—recomendando ao numerosissimo *auditorio, toda a prudencia, pezo e medida, com o que se mete para o estomago, apavorando ainda a assembleia com os resultados tétricos e fataes que resultam e provém da falta dêsses cuidados; o sr. dr. Ataide, horas depois dêste sermão, comensal no grande jantar—opiparo banquête, podêmos chamal-o—que o sr. dr. Alvaro de Moura oferecera na sua béla vivenda, em Esgueira, aos seus colégas que constituem o corpo docente do liceu désta cidade, enterrou de tal fórma os seus pequeni-*

nos dentes nas iguarias servidas e os delgadinhos labios nos deliciosos vinhos que abundantemente regáram o festim, que--dizem as más linguas--atingindo uma temperatura de 35 gráus centigrados á sombra, têve de entrar na dóca para remediar a avaria e vistoriarem o casco, estando quarenta e oito horas em... vale de lençóes!...

Ha no entanto quem afirme que o facto representou um argumento pratico e confirmativo da doutrina desenvolvida na conferencia...

Se foi assim, o sr. dr. Ataide é, sem duvida, um martir da ciencia e cabe-nos engrandecer o sr. dr. Moura pela béla ocasião proporcionada áquêle martirio...

Dois... beneméritos, afinal!

Pasto...

Por acaso lêmos isto na folhinha—que a 18 de Junho de 1703 foi proíbida a sementeira da herva santa.

Por onde se infére que o verde *dos campos, tanto da predilecção dos* inteligentes jornalistas *da chamáda* bôa imprensa *de Aveiro, não tem a grande virtude que êles julgam—sagrar-lhes os intestinos...*

Sessão da Comissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 13 de junho de 1912.

Presidencia do vice-presidente sr. Manuel Augusto da Silva, comparecendo como administrador do concelho o cidadão dr. Luiz de Brito Guimarães e os vogaes Pompilio Simões Souto Ratola, Sebastião Pereira de Figueiredo, Vicente Rodrigues da Cruz e Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho.

Acta aprovada, depois do que tomaram as seguintes resoluções:

Deferir as petições da Câmara municipal de Ovar, bem como a do comissariado de policia dêste distrito para entrada no Asilo-Escola Distrital *dos menores Augusto e Valentina, filhos de Antonio Rodrigues Marques, de Cortegaça; Joaquim, exposto, de Sam Vicente de Pereira, daquêle concelho e Anunciação, abandonada, de Rendo, Albergaria-a-Velha;*

De Francisco Antunes, de Arada, para a construção de um aqueduto na estrada velha da egreja, sob a direcção do tecnico municipal;

De Manuel Fernandes Rangel, de Arnélas; Augusto Martins Castendo, de Eixo; José dos Santos Polonio Junior, de Sam Bernardo; Manuel José Domingues, de Sarrazola e Francisco Pinto de Almeida, da Vera-Cruz, todos para construções;

De Maria Gonçalves Teixeira, de Sarrazola, para entrega do internado Antonio Gonçalves Teixeira, seu filho;

Da Junta de paroquia da Oliveirinha, atestando a pobresa de Manuel, filho de Maria Fernandes Vieira, da Costa do Valado, e de Rosa e Maria, filhas de Rosa da Conceição Carvalho, da Oliveirinha, para confirmação, resolvendo a Câmara atestar que não conhece aquêles individuos, mas que confia na informação prestada pela mesma junta;

Proceder á nomeação dos individuos que hão-de compôr as comissões de avaliação dos predios rusticos e urbanos dêste concelho, nos termos do artigo 5.º do regulamento de 13 de maio ultimo e que á Câmara compéte nomear, recaindo essa nomeação nos seguintes cidadãos:

Freguezia de Arada, efectivo: José Nunes da Ana, substituto; José dos Santos Branco; Cacia, efectivo, Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho, substituto; José Simões Miranda; Eirol, efectivo, Manuel Lopes de Carvalho; substituto, Manuel Lopes Povoa. Eixo, efectivo, José Gomes da Silva; substituto, José Maria Soares Pereira. Esgueira, efectivo, Elisio Filinto Feio; substituto, José Antonio de Carvalho. Gloria, efectivo, Antonio Augusto da Silva; substituto, José Marcos de Carvalho. Nariz, efectivo, Adelino de Oliveira Valerio; substituto, Manuel Francisco Romão. Oliveirinha, efectivo, Manuel Tomaz Vieira Junior; substituto, Manuel Diniz Lameiro. Requeixo, efectivo, Claudio José de Portugal; substituto, Manuel Lopes Povoa. Vera-Cruz, efectivo, Jaime Inácio dos Santos; substituto, José da Maia Romão;

Registar com louvor a iniciativa do deputado Alberto Souto pela proposta que resolveu apresentar ao Congresso para que Aveiro seja dotado com um rebocador para serviço da sua barra, dando ao mesmo projecto o apoio compativel com as suas forças, representando para que êle se converta em lei, e modificando apenas os numeros 4 e 5 do artigo 22.º do mesmo projecto de lei alterando de 1 5 escudos o imposto que deve recair sobre cada salina da ria para 2 5; e o de 7 escudos para 10 sobre cada companha de pesca nas costas da região; e

Encarregar o seu vice-presidente de entender-se com o cidadão Artur Pais para que este despeje quanto antes a casa que lhe alugou, exigindo-lhe ao mesmo tempo o pagamento das rendas ha tantos mezes em divida ao municipio.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JUNHO	
DIAS	PHARMACIAS
23	LUZ
30	RIBEIRO

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

REMEMBER

DO PORTO A AVEIRO

A primeira excursão republicana e a atitude dos falsos monarquicos

Transcrições da BOA IMPRENSA, a proposito

Foi ha tres anos, fêl-os ontem.

Acompanháda pelos nossos ilustres correligionarios, srs. dr. Alfredo de Magalhães, lente da Escola-medica, dr. Pereira Osorio, medico e Bartolomeu Severino, jornalista, que a éla presidiam, desembarcou em Aveiro, nas primeiras horas da manhã, uma excursão promovida por republicanos portuenses, composta de mais de mil pessoas, e que, de combinação com os de aqui, se haviam disposto a confraternisar nêsse dia em alegre convivio, junto á nossa encantadora ria, para o que lhes preparámos condigna recéção.

A autoridade, porém, representáda pelo Conde de Agueda, acolitádo por Jaime Silva e toda a cambada com quem estáva mancomunádo, entendeu dever-nos proíbir manifestações para o que pôz Aveiro em verdadeiro estádo de sitio, com tropas por todos os lados, o que constituiu para nós a maior das afrontas atendendo ao vexame porque se pretendia fazer passar os nossos correligionarios do Porto. Mas tudo, felizmente, correu bem, todas as ordens, ainda as mais absurdas e disparatadas, exceção feita daquéla que nos obrigava a desembarcar num determinado ponto, fôram tomadas em consideração, retirando á noite os nossos hospedes conscios de que a causa republicana alguma coisa havia lucrado com todas estas exibições de força, repressões e violencias das autoridades locaes.

Mas como se isto fôsse pouco, temos ainda o que da parte da *bôa imprensa* foi dito, após a excursão, como que a justificar os actos do sr. governador civil e que hoje, tres anos volvidos depois dêsse memoravel dia, vâmos publicar nas colunas do *Democrata* para justificar tambem a razão que nos assiste de não considerármos republicanos, embora se fizessem ao vêrem implantada a Republica, aquêles que tão ignobilmente despejávam sobre nós os dejectos que o seu rancor á democrácia lhes não permitia reprezar.

Comecêmos pelo orgão progressista **Progresso de Aveiro,** filiado, ao que paréce, no grupo *evolucionista*, que tem por chefe o sr. Antonio José de Almeida:

A grande excursão republicana no dia 20 do corrente

Realizou-se no domingo passado a grande excursão que o partido republicano do norte resolvera fazer a esta cidade. Anunciada com grande antecedencia, a bôa nova correu por montes e vales e mobilisou para o grande passeio a fina flôr do partido republicano. Colhiam-se papoulas, preparavam-se bandeiras e fraldinhas vermelhas, organisaram-se *ménus*. Era um delirio. A excursão a Aveiro devia marcar um grande acontecimento na vida do partido, pelo numero e qualidade dos excursionistas. E assim foi.

Comprados os bilhetes do caminho de ferro pela respectiva comissão, e postos gratuitamente á disposição de quem quizésse pôr uma papoulinha na lapéla do casaco, acudiram logo a disputar os bilhetes dezenas de democratas daquêle bairro visitado pela peste bubonica no Porto. A viagem era comoda e barata porque era gratuita, a cidade de Aveiro era bonita e as mulheres eram formosas.

Com os ilustres patriotas vem tambem muitas ilustres patriotas de patriotismo já espapaçado, e algumas *cobertas* em duplicado. Assim se organisa a expedição composta de 900 pessoas, entre *cavalheiros* e *cavalheiras*, bem aceiadas e bem postas, que enchem a *gare* da estação do Porto. Nunca naquêle recinto houve gente tão limpa e tão aceiada, tão fina e tão bem recrutada, tão disposta e tão bem preparada para tudo.

Calças de bôca de sino, chapéu á marialva, jaquêta á toureiro, eram 900 democratas cuja camaradagem não sabemos se honrava os promotores da excursão do partido republicano.

Nem um gaiáto, nem um vadio, nem um gatuno, nem um *souteneur*, nem uma colareja. Era a *élite* do partido que néla se revia invaidecido e que aguardava o signal da

Partida

O comboio roda por aí fóra. Dentro dansa-se, canta-se, joga-se a vermelhinha, bebe-se vinho e aguardente, berra-se, grita-se, dão-se murros, tudo numa alegria doida e numa confusão que diverte muitissimo os ilustres excursionistas. Duma carruagem para outra trocam-se as maiores obscenidades; o revisor é violentamente impedido de entrar numa e é ameaçado de lhe pôrem as tripas ao sol ali mesmo, se tenta perturbar a alegria doida que ali reinava.

O entusiasmo sobe ao rubro, chega ao seu auge, tudo ri, tudo folga ao pensar que é daquêles cavalheiros e daquélas damas que depende a sorte das instituições e o futuro da patria, e que é dêles que hão-de saír os novos governantes.

A anarquia e o saque, a vingança e a impunidade enchem de contentamento aquélas almas bem formadas, aquéla gente fina e bem educada.

Aveiro estava já perto. Alguem avisára de que a cidade faria uma recéção condigna a hospedes tão ilustres e tão distintos nas maneiras, no trato, nos habitos, nas tradições evidenciadas em Viana do Castélo e nas alfurjas donde saíram.

Pouco depois apêavam-se na *gare*, fazendo-lhes guarda de honra uma força de 50 policias, o esquadrão de cavalaria 7 e mais 20 cavalos da guarda municipal do Porto. Confundidos com tão grande gentileza, os valentes garibaldinos não tivéram coragem de levantar um *viva* nem de fazer qualquer manifestação, apesar de autorisados a fazel-a. Não contavam com a gentileza duma guarda de honra nem com tão grande bisarría numa cidade de ovos moles Recolhida assim ao bucho, sem mais aquélas, a fala que longe das patas dos cavalos e dos sabres da policia tinha sido um enlevo e um encanto pela frase polida que sem palavrões de giria e de alcouce saía expontaneamente de todas as bôcas e de todos os peitos, saíram da

Estação

radiantes com o que viam. Adiante as damas, mostrando a fraldinha vermelha e suja; atraz os briosos, os valentes e alegres rapazes de rolha de cortiça na bôca, num *chiu* monotono e sem graça, agitando apenas a cabeça com que batiam para a direita e para a esquerda e os braços com que mostravam as armas de S. Francisco para as janelas onde havia senhoras. Uns valentes e uns cavalheiros, que só sabiam e queriam mostrar a que vinham com a rolha babada, com o *chiu* avínhado, com a fraldinha das damas, com alguma piada grossa em surdina, com a navalha de ponta e mola que por vezes mostravam.

Não, não eram fadistas, nem moinantes, nem queriam pôr a cidade a saque como se dizia e como tinham feito em Viana do Castélo.

Em algumas ruas fôram lançadas sobre a alegre mocidade flôres postas de infusão em agua de rosas e aparecia a policia ou a cavalaria a indicar o caminho e a escoltar as bagagens, os ôdres e as bagageiras. Assim se dispersaram pela

Cidade

que nêsse dia não ganhou para sustos, lembrada das noticias que chegavam de Viana do Castélo. A cavalaria e a municipal aparecia aqui e além dando á alegre rapaziada a ilusão de que ia fazer uma rusga, daquélas que em Lisboa se fazem com grande colheita de *cavalheiros* e magnificos resultados para a segurança pública. Não se tratava disso, porque entre os briosos mancebos e gentilissimas mancebas não havia gente suspeita. Os bolsos estavam tão limpos de dinheiro como o coração estava limpo de virtudes, mas as calças de bôca de sino poderiam confundir tudo aquilo com a escumalha réles e afadistada das alfurjas do Porto e Lisboa, o que era sem duvida motivo de desgosto para a grande familia republicana onde ha muita gente bôa e honesta, tão bôa e tão honesta como na monarquia.

Afastado o perigo da rusga que num momento pareceu estar iminente, as inofensivas e folionas creaturas desforraram-se do susto com as rolhinhas, com o *chiu* e com o dedo fedorento no nariz avermelhado coberto de pustulas. No jardim entenderam que déviam pôr á prova duas pobres raparigas que ali se achavam, e moeram n'as com encontrões e não sabemos se a coices tambem, mas com gaudio e risadas das matronas da fraldinha.

Entretanto começava o

Comicio

no centro republicano, ao alto da rua Larga, num bélo e espaçoso quintal onde se reuniram umas 250 pessoas, se tanto. Falaram varios oradores, todos muito bem, entre êles o sr. dr. Alfredo de Magalhães que descobriu que El-Rei D. Manuel não era portuguez, e pediu que a estatua de José Estevam, que ali está no largo Municipal, fôsse fundida em balas para se fazer a revolução. Apesar da genial descoberta e do grande pensamento do autor, os 250 da vermelhinha a nada se moviam. Nem um *viva* que cortasse a monotonia daquêle encontro, apesar do esforço dos oradores que suavam a bom suar. Aquilo não era um comicio, era um enterro, o enterro da excursão republicana. Apezar de a autoridade ter permitido todas as manifestações dentro daquêle recinto fechado, os homens das calças de bôca de sino, já a esse tempo sujas e bem sujas, não tinham vindo a Aveiro para isso. Outros intuitos e outras aspirações os haviam conduzido aqui.

O comicio acabou como principiára: triste, frio e pesado. Apenas uma nota alegre e a proposito ali houve, quando alguem perguntou porque não tinha vindo a Aveiro o sr. Padua Correia que na vespera escrevera na *Voz Publica* um artigo altamente afrontoso para esta cidade. Por mêdo ou por prudencia o sr. Padua Correia não apareceu, e ninguem se encarregou de o defender ou desculpar. E assim, abatidos os animos, começaram os preparativos do embarque para o passeio e merenda na

Gafanha

onde chegáram já muito derreádos. Estabelecido o bivaque, come-se e bebe-se á grande e á farta. As tabernas visinhas são invadidas, os batataes são assaltados, tudo com muitas gracinhas e ditinhos, mas sem respeito pela propriedade alheia. Muitas mulheres da Gafanha protestaram contra aquéla invasão de barbaros quando viram as hortas calcadas, as searas pisadas e a falta de respeito por tudo e por todos.

Com os seus protestos pelo que viam e ouviam, levantam vivas a El-Rei e apressam a saída daquêles intrusos sem eira nem beira, sem alma nem coração, que se dispunham a violencias maiores, iniciadas por tiros que disparavam sobre grupos que censuravam o seu procedimento descortez e desumano.

Embarcam. Por baixo, agua salgada; por cima, vinho e aguardente, o estomago repleto de batatas e bacalhau, arrotos á antiga portugueza, *vivas* a toda a gente, a todo o gato pingado, morras a quem não fôsse lá da indecente e indecorosa frandulagem. Muitos republicanos sincéros e honestos, graves e sisudos, que da estrada assistiam áquêle espectaculo indecoroso, fugiram envergonhados para Aveiro, lamentando, com razão, que os dirigentes da excursão trouxéssem gente désta ordem, desclassificada quasi toda, para uma cidade pacata e hospitaleira, como é Aveiro.

Tinham razão. Gente daquéla só serve para comprometer a causa que é chamada a defender. Senão, digam-nos quantas adesões se fizéram com a vinda dêsses maltrapilhos, o que lucrou a causa republicana com a exibição grotesca da fralda vermelha das matronas e com as papoilinhas dos rufiões que ámanhã, se a monarquia quizér, correm á pedra aquêles que ontem acompanhavam.

Desembarca-se. A capitania do porto tinha marcado o logar para o desembarque; uma bateira, porém, cujos tripulantes vinham mais alegres e despreocupados, não quiz acatar as ordens da capitania e pretendeu forçar o *cerco*. Intimada a parar, e verificando-se que o seu proposito era desobedecer, foi aprisionada com toda a *marinhagem*. Outros excursionistas que já estavam em terra, quizéram então ser victimas e martires e acompanharam os prisioneiros, que, no meio de cavalaria e policia, foram levados a uma das salas do quartel do 24. Ao passarem em frente do hotel onde está hospedado o sr. Conde de Agueda, governador civil do distrito, meia duzia de discolos fez para lá umas ameaças tolas e avinhadas, de que ninguem fez caso porque quem as fazia não vinha em estado de assumir a responsabilidade do que dissésse e fizésse. Tanto que no dia seguinte deu e mandou dar todas as explicações, que fôram aceites pela autoridade superior do distrito.

Entretanto seguia o alegre bando prisioneiro para o quartel, donde pouco depois saía com todas as honras, seguindo parte no comboio excursionista para o Porto ás 8 e 50 da noute, e ficando aí os restantes na companhia de amigos e patricios, sem outras consequencias desagradaveis, sem outros conflitos e sem violencias de qualquer ordem que podéssem molestar quem quer que fôsse.

A saída

para o Porto foi, como dissémos, ás 8 e 50.

Desde as 6 horas da tarde que nos arredores da estação se iam juntando grupos de excursionistas que, apenas sentados, adormeciam num somno fundo e reparador.

A muitos, ainda mal despertados, foi preciso metel-os dentro das carruagens e fechar-lhes as portas. Entretanto o comboio largava da estação, e das janelas, os que não dormiam, despediam-se désta cidade dizendo-nos adeus com as mãos fechadas e dando gritos que pareciam urros ou uivos. Já tinham perdido a rolha que saltára fóra dos ôdres, quando dentro dêles se acumulavam os vapores do alcool. E lá foi o comboio e com êle os excursionistas, começando no dia seguinte os

Comentarios

Foi elogiada por todos, menos pelos republicanos mais sensatos da cidade, a atitude energica mas prudente da autoridade administrativa e militar.

=O sr. Conde de Agueda, muito antes de receber sobre esse ponto instruções do govêrno, tinha autorisado o comicio, tinha autorisado manifestações na *gare* e no passeio á Gafanha, passado o local das Pyramides.

=Não é verdade que o ilustre comandante militar protestasse contra as prisões efectuadas. O que o brioso e honrado militar teve, do mesmo modo que a restante oficialidade, foi atenções e deferencias para com os prisioneiros, como aliás era desejo de toda a cidade.

= Sabe-se que muitos dos mariolões que aí andaram aos coices e ás marradas a toda a gente traziam fatos e calçado alugados ou emprestados.

Segundo presumimos, todo este arrasoádo é da lavra do padre **José Marques de Castilho,** que aqui exercia as funções de director da Escola Normal. Está actualmente colocádo, como professor, em identica escola, na cidade de Leiria.

Por sua vez, o *jornalista de penna facil* e de não menos faceis costumes, **Jaime Duarte Silva,** escrevia no *jornal monarquico*, **Beira Mar,** o seguinte:

GRANDIOSA EXCURSÃO REPUBLICANA

Está salva a patria.—A cidade de Aveiro adére ao extraordinario movimento revolucionario mostrando o seu mais completo desprezo pelos manifestantes.—A merenda democratica da Gafanha é das mais entusiasticas manifestações ao rei de Portugal.—O grande comicio.—José Estevam em balas.—Quem tem c..., tem medo.—De como se prova que um cavalo vale 50 homens.—Está salva a patria.

A cidade de Aveiro acaba de assistir á mais alta e entusiastica manifestação revolucionaria a favor da monarquia portuguêsa. Uma excursão de portuenses republicanisados *abalou* na manhã de ontem, em comboio especial a 640 reis por cabeça *de ida e volta*, em demando da patria dos mexilhões, onde abordou ás 8 da manhã. Esta excursão composta de muitos cidadãos em plena liberdade, e tão plena éla éra que consentiu que se fizessem a senhoras as armas de S. Francisco e se mandassem outras áquéla parte que Cambrone mandou os inglezes, foi recebida pelos aveirenses, excéção, é claro, do pequeno grupo republicano, com os mais evidentes signaes de desdem. De rolha na bôca, para que a mosca não entrasse, serenamente deslisaram por essas ruas fóra e, como S. Tiago aos mouros, após a chegada ao centro da cidade, os bravos excursionistas atiraram-se aos comestiveis e *bebestiveis*, fazendo largo dâno nas tabernas, casas de pasto e hoteis, dâno que honradamente liquidaram, após a devida e necessaria reclamação.

Cheios os estomagos, emquanto alguns dos bravos homens corriam em busca dos pitorescos e apraziveis arrabaldes de Aveiro, 250 eram destacados para o comicio da santa propaganda, em que brilhantissimos oradores entretiveram durante longa hora e meia 500 ouvidos, visto que cada um dos assistentes possuia dois.

Ali o entusiasmo foi indescritivel, mórmente quando um dos chefes propoz que a estatua de José Estevão fosse fundida, transformada em balas, e estas aproveitadas para a proxima futura revolução, anunciada já de ha 10 anos a esta parte.

Mas onde êle atingiu o seu maior auge, foi quando um dos brilhantissimos e quiçá mirabolantes oradores, contou a simples e comovente historia de ter sido abraçado, quando era pequenino e teve a dita de passar aos nossos Arcos, por um velhinho de barbas brancas, que cheio de lagrimas e com tremuras na voz, com a unção e sentimento dos grandes revolucionarios, lhe disse:

«Olha, meu filho, fui companheiro de teu avô nas prisões de Almeida».

«Sabem quem foi este bom velho, senhores?» perguntou o insigne democrata.

A assistencia não respondeu porque estava ainda com a rolha na bôca, pelo que o orador continuou:

«Foi Mendes Leite. O grande liberal!»

A manifestação aqueceu, subiu de ponto, foi ao rubro perante a declaração do revolucionario, embora no momento se tivesse averiguado que Mendes Leite nunca houvera estado nem em Almeida, nem nas suas prisões.

Mas, emfim, as ideias, as imagens, as comparações, a retorica dos oradores lá entreteve os 500 ouvidos que ás 2 horas se uniam aos outros para, a meio tostão por cabeça, em saleiros, bateiras, barquinhos e barquinhas embarcarem para a Gafanha, onde ás 3 horas se iniciou a merenda democratica, com uma grande manifestação ao rei de Portugal feita pelos nossos visinhos de aquéla importante região que assim quizeram associar-se á grande festa dos democratas portuenses. Na Gafanha se conservaram durante duas longas horas, o tempo preciso para se atulharem aquêles estomagos já cheios pelas nossas saborosas iguarias, e, feito isto, aí voltam todos, anchos da sua papoilinha, e *bazofentos* pela rica bandeirinha que transportavam, fazendo-se o desembarque ás 6 1\|2 da tarde, na linguêta da ponte da Dubadoura.

Aqui uma bateira resistiu á ordem dada pela Capitania do porto e quiz ir atracar a outra linguêta.

A lancha da fiscalisação da ria apreendeu a bateira, sendo presos os individuos que éla transportava.

Ora aqui é que foi um momento perigoso. Os valentes democratas á procura desde manhã, de ocasião em que passassem á categoria de vitimas, quando vinham já a pé firme, vêem presos alguns dos seus correligionarios

e aí começam a saltar para a bateira, todos a quererem ser, todos a desejarem uma prisãosinha, havendo muito desgosto por parte daquêles que a lotação do barco já não poude aguentar.

O desembarque dos felizes da fortuna fez-se na linguêta da rua das Barcas, donde fôram transportados entre policia e municipal para o quartel do 24. Quando a escolta se pôz em marcha choveram empenhos sobre os comandantes da força para admitirem mais prezos; houve quem, num grande arranco de solidariedade, se oferecesse ao martirio, mas os dignos oficiaes não podéram aceitar o sacrificio por falta de vagas e logares disponiveis.

A' porta do Hotel Cisne, onde se conservou sempre o sr. Governador Civil, produziu-se então um pequeno susurro que prontamente foi socegádo pela cavalaria que varreu a rua de tal maneira que houve uma senhora que, da janela do hotel, viu um alfinete que tinha perdido de manhã.

Depois... tudo pronto. Aveiro a morrer porque acabasse o tremendo fiasco que aqui vieram dar aquêles que se propunham exceder as festas de novembro, e mostrar aos monarquicos o que era a alegria, a convicção e a espontaneidade.

Sim senhores!

Limpem as mãos á bota.

A's 8,52 da noite o comboio marchava em vertiginosa correria, tendo então os valentes excursionistas largado as *rolhas* e desatado a dar vivas á republica, que não foi proclamada.

Da batalha tenebrosa restam na *gare* grandes despojos: só bilhas quebradas 24, e vinho entornado andava por quatro almudes.

No proximo numero dirêmos mais alguma cousa sobre a extraordinaria festa civica que trouxe á câmara um largo dispendio em desinfétantes.

E ainda se poupou muito dinheiro, porque não veio o sr. Padua Correia.

A todo este mistifório saído do bestunto do mais completo discipulo de Homem Cristo, segue-se identica catilinária da extinta **Vitalidade**, orgão oficial do franquismo indigena, que pela penna venenosa de outro tonsurado, o padre **Manuel Rodrigues Vieira**, por alcunha o *Frei Chiça*, traçou, entre outras, estas linhas:

«Sabemos que na excursão viéram muitos curiosos de vêr a cidade, aproveitando o ensejo do comboio ou da companhia. Esses, com toda a certeza, não se queixaram do aparato policial, e por certo não o estranharam nem se incomodaram com êle. A esses dâmos as bôas vindas. Aos que viéram por especulação politica — diremos só que Aveiro não é terra para pegar a reacção jacobina.

Não fazem ninho os milhafres nas cavernas dos leões.»

O nosso protésto de então e a vingança de hoje

Palavras do suplemento ao Democrata *publicádo e distribuido profusamente na manhã de 22 de Junho de 1909:*

Não é só por nós, republicanos, que hoje vimos a público lançar este protésto contra as estupidas arbitrariedades no domingo cometidas em Aveiro e contra o despotismo e ameaças de que nos cercáram.

....

Uma excursão de 1:500 portuenses, a mais imponente e numerosa de quantas a esta terra se teem dirigido, que aqui veio, com um particular intuito politico sim, mas com inteira disposião pacata e ordeira, para nésta cidade e seus arrabaldes passar em dôce e fraternal convivio algumas horas de descanço, satisfeito, despreocupado e alegre; que veio aqui trazer aos seus correligionarios republicanos um abraço de incitamento, mas que a todo o povo aveirense trazia uma saudação de estreita solidariedade e simpatía, uma saudação honrosa a esta cidade linda, de magías tentadoras e adoraveis encantos, a este povo livre, bondoso e democrata, de sentimentos tão alevantados e de historia nobilissima; esta excursão em que familias inteiras se haviam encorporado com esse pensamento amoroso e esses delicados intuitos, é recebida pelas nossas autoridades e pela gente que as cérca, no meio de grossos cordões de policia com esquadrões de cavalaria, com forças de municipal, com o regimento de prevenção e contingentes de infanteria, como se receberiam, talvez, nos sertões das nossas colonias as hordas do gentio rebelde se tanta tropa lá houvesse para manter nosso prestigio e assegurar nossa soberania.

Mas este regimen e estes homens que deixam perder nossas possessões e que organisam campanhas ultramarinas em termos de sugeitarem os nossos bravos soldados e o nosso exercito ao ultrage e ao massacre do Cunene, põem uma cidade em estado de sitio para receber uma excursão pacifica e serêna de 1:500 portuguêses!

Mas com certeza que se chegassem a cometer o atentado de fazer disparar sobre os nossos hospedes e sobre o povo de Aveiro, com certeza não sucederia o que no desastre do Cunene sucedeu, porque os cartuchos ás forças no domingo distribuidos haviam de servir perfeitamente nas culatras dos revolvers e das espingardas, já que no meio do sertão na hora do perigo para nossos irmãos isolados, se não ajustaram os calibres das munições.

Bem cuida do nosso exercito, da defeza e da honra da Patria, este regimen perdido quando nos sente passar cantando um hino patriotico no entusiasmo comunicativo e inocente de uma confraternisação de amor em que a alma nacional, abatida e dormente, se acorda e avigora; quando nos sente a nós, desta Patria tão amantes, filhos tambem da nação portuguêsa tantas vezes escravisada que queremos libertar com um gesto redentor de justiça e liberdade.

O inimigo da Patria somos nós?

Não! nós somos os inimigos de um regimen de torpezas que a Patria vem amaldiçoando.

*

Deve a cidade de Aveiro estar envergonhada do espetaculo que no domingo ofereceu aos seus visitantes que foram recebidos nas pontas das baionêtas do regimen ás ordens de um governador civil que de Aveiro fez um feudo vergonhoso.

O sr. Conde de Agueda tem imposto a esta terra uma tutéla que avilta.

Já lá vão os tempos em que um grupo de homens de Aveiro que se diziam inimigos de Agueda e do seu absorvente poderío, lutaram contra a influencia deprimente das gentes da sinagóga.

Esses catões de nova especie, mas de bem baixa especie, foram enterrar as glorias e as corôas de sua campanha num prato de arroz doce e no vinho de uma jantarada.

Aquêles que ontem ao sr. Manuel de Mélo chamavam o *cão de Agua*, que nunca se esqueciam de contar as vezes que sua ex.ª vinha dar beija-mão, nem de facturar os potes de graxa pelos aulicos da sinagoga gastos nas visitas do seu mestre; aquêles que fizéram apedrejar seu pae pelas eleições de deputados e que nunca cessaram de o insultar, a si, a sua familia e aos seus amigos, aí estiveram ontem debaixo das suas pernas dando-lhe inspiração dos maquiavelicos planos de provocação descarada e de despotismo revoltante, com que quizéram tirar o brilho á nossa manifestação e a graça ao passeio dos portuenses amigos, aterrando uma população inteira com ostentações portentosas de forças ameaçantes e com as mais absurdas restrições dos nossos direitos e das nossas liberdades.

Mas a cordura e a admiravel ordem com que os excursionistas se souberam comportar, como sempre se sabem comportar e como sempre se conduzem as multidões republicanas, não respondendo á ostensiva provocação dos agentes biliosos do regimen, lançou-lhes sobre as cabeças desmioladas todo o mordente de um tremendo ridiculo que lhes fez arripiar o rabo nas tocas em que se esconderam e nas gateiras bafientas onde se refugiam os felinos quando sobre o pêlo lhes cáe de arremeço um copo de agua fria.

E quem não os viu com a cabeça de fóra da gateira?

*

Aveiro cobriu-se ante-ontem de vergonha.

Aveiro? não!

Que o povo de Aveiro sentiu bem fundo a magua da afronta e soube tambem atirar á face dêsses trampolineiros com o sarcasmo verrumante do admiravel *schiu!*

O povo de Aveiro só podia receber com efusão e alegria essa grandiosa excursão republicana que do Porto, a cidade das campanhas da Liberdade, em que nossos conterraneos ilustres derramaram seu sangue e praticaram gloriosas façanhas, do Porto, a cidade da revolta de 31 de janeiro que Aveiro se preparava para secundar com o aplauso e a colaboração de tantos que no domingo aí ajudaram a enxovalhar seus antigos correligionarios.

Agueda tripudia sobre Aveiro. Mas até já mesmo em Agueda, o castelo do feudo, este clarão emancipador se levanta e acende.

De Agueda aqui vieram 100 republicanos destemidos que não esitaram em protestar contra essa provocação e irritante arbitrariedade do sr. Conde proíbindo o desembarque dos excursionistas na volta do passeio fluvial, no sitio onde tinhamos embarcado em inteiro socêgo.

Esta ordem transmitida durante a merenda na Gafanha, era propria a erguer em todos um repelão indignado e a excitar uma exaltação propicia a um conflito com a tropa e a uma almejada carga sobre o povo.

Mas ainda désta vez os excursionistas se mantiveram serênos e não responderam á insólita provocação.

Só os de Agueda resistiram e protestaram e se entregaram á prisão.

E foram presos 35 cidadãos, entre os quaes o jornalista Bartholomeu Severino, dr. Manoel Alegre, dr. Eugenio Ribeiro, dr. Antonio Breda, além de Fernão de Lencastre e dr. Lopes de Oliveira, medico no Couto de Cucujães, e levados no meio de uma escolta de policia e municipal, atravez da cidade, como se levam os assassinos desterrados!

Razão de sobejo tinham para seu protesto!

Qual a lei, o regulamento que permitiu essa ordem?

Nós estâmos em pleno absolutismo?

Nós não temos liberdades?

Nós não temos leis que nos garantam e regulem nossos direitos?

Quando se proíbiram entradas nas *gares*, manifestações em recintos fechados como o sr. conde quiz proíbir?

E ter depois, á ordem do ministro, de consentir néssas manifestações!

Que ridiculo!

Pois o sr. conde de Agueda que aí andou a protestar contra a ditadura desde que éla deixou de o servir e que aqui em Aveiro, em pleno tribunal, clamou pela normalidade constitucional, pelo respeito das garantias individuaes e publicas censurando o João Franco por suas tropelias; o sr. conde de Agueda que todos sabem ter *visto sem desagrado* o movimento de 28 de janeiro, o sr. conde de Agueda ousa pôr uma multidão inofensiva sob o seu arbitrio, que nêste momento foi mais destemperado ainda do que o de alguns ditadores exaltados?

Quando aí passou o João Franco, fez dois anos no dia 18 do mez presente, a autoridade de Aveiro não ousou fazer tanto para impedir os protestos contra o capitão.

Ficou áquem do sr. conde de Agueda em violencias e então estavam no tempo da dictadura!

Hoje estâmos na normalidade constitucional, mas o senhor de Agueda junto com os franquistas e todos os seus, govêrno e regimen, que são tão constitucionaes como o estadista do Alcaide e tão liberaes como Pina-Manique, excedeu o franquismo em tiranía.

Bom serviço nos prestou, sr. governador!

*

Terminemos: o povo aveirense que veja quem em seu govêrno tem, quem em sua casa meteu — a *troupe* da *sinagoga* de Agueda e aquêles que, por uma traição, a Agueda esta terra enfeudaram.

Esses o fizeram passar pelas vergonhas que no domingo presenceou.

Mil e quinhentos vizitantes nésta terra andaram cercádos de tropa.

Foram-lhes proíbidas recéções, muzicas, vivas, manifestações, tudo o que denota e traduz alegria.

Fôram ameaçados.

Fôram enxovalhados torpemente nésta terra hospitaleira e acolhedora.

Pela força das armas!

Pela tiranía monarquica!

Pelo despotismo da reacção!

Contra isto só uma resposta, em nosso vêr existe, só uma desafronta:

Viva a Republica!

Passáram tres anos. A Republica, pela bôca dos canhões que atroáram Lisboa, surgiu em Portugal, e por toda a parte, incluindo Aveiro, os vivas á Republica se repercutiam sem que nenhum dos farçantes que nos insultáram viéssem quebrar louças pela monarquia.

Donde se prova que, não tendo convicções, essa gente, que deu mostras da maior cobardia em 5 de outubro, não era mais que um bando de assalariádos a quem estáva garantida a impunidade dos seus crimes pelo despotismo da reacção.

Desaparecido êle, desapareceram os miseraveis.

Estâmos vingádos. **Viva a Republica.**

Necrología

Faleceu ontem na sua casa da rua Direita a esposa do sr. João da Cunha, antigo alfaiate.

Era já idosa, sofrendo ultimamente bastante da diabetis.

A todos os seus, os nossos pêzames.

Dr. Jaime de Magalhães Lima

Quem é s. ex.ª

II

O diploma, pois, que de Coimbra trouxera e que para nada servia nas suas mãos inhabeis, era apenas um *motivo* para lhe chamarem *sr. doutor*.

A casa do *Brazileiro do Carmo* ou do *Sebastião da Lavoira*, nomes porque era, aqui, mais vulgarmente conhecido seu pae, era frequentada por uma pequena roda de homens duma funda obcecação conservadora, que todas as noites se reunia, não para rezar as contas, apezar de enraizadamente religiosa, mas que desenferrujava a lingua dissecando os casos do dia, jogava o gamão e uma partidasita de bilhar. No fim do serão, como ponto encomiastico obrigatorio, louvavam o apêgo ao estudo do joven doutor que, néssa altura, aparecia, deixando os livros a descançar por *um pouco*. Assim, com uma aplicação daquélas, tinha de saír de ali um grande homem — profetisáram. *Agua mole em pedra dura...*

Neste ambiente bafiento e asfixiante, foi-se modelando, a pouco e pouco, o caracter reaccionario de Jaime Lima.

Não avoejava, adentro do palacête de seu pae, uma ideia alta e nobre de libertação para os que sofrem; ninguem, no meio daquéla vida farta e comoda, se lembrava dos que gemem e tem fome...

Havia, ali, apenas, a frieza calculada e regida que dá o dinheiro caído em mãos pequenas e aváras.

O espirito fulgentissimo do filho Sebastião, fugira incompatibilisado com as ideias retrógradas do pae, afastára-se deixando um ermo atraz de si. E o irmão Jaime ficára, como um escarneo do destino, na penumbra fria daquéla casa, crescendo e avolumando-se, pegajoso e humido, como **um tortulho de sacristia.**

Alastrando sempre, o seu espirito beato e ultramontano, chegou, em Aveiro, a atiçar a colera entre as duas freguezias que até aí viviam numa paz de irmãs amigas:— dirigiu e auxiliou o roubo duma imagem do Senhor dos Passos, a altas horas da noite, da freguezia da Gloria, para a egreja do Carmo, paredes meias com o seu palacête, na freguezia da Vera-Cruz!

Esse roubo abriu entre as duas freguezias um odio profundo que ainda hoje se mantém e que o *Oportunista*, jornal que, néssa época, para essa discussão se fundou, exoberantemente atésta.

E' este um dos actos mais fulgurantes da sua vida!...

*

Doutor e moço, nas horas de ocio do estudo, amou como qualquer mortal e praticou leviandades como qualquer rapaz.

Cultiva as flôres desde essa época, embora nada escrevesse ácêrca da formusura das *preciosas* tanto em voga nêsse tempo, e hoje haja escrito, com especial cuidado, artigos sobre os begonias, os eucaliptos, os cravos, as orquideas, os lirios, etc., dedicados ás Marias.

Disse-se p'rá hi, que, depois da publicação da *Vida de S. Francisco de Assis*, ía dar á estampa *As atribulações de Frei Tomaz de Arnélas...*

Mas, até hoje, ainda não apareceu.

*

Como homem o sr. Jaime Lima é duma cobardia inconcebivel e inexcedivel.

Veja-se a coléção do *Povo de Aveiro*, antes da desmoralisação do seu director, e leiam-se os artigos sobre o Jaimão.

Ali se patenteia, á evidencia, a sua poltronice.

A sua pusilanimidade inqualificavel, reteve-o em casa, por mêdo, durante tres dias, desde que soube que alguem, a quem êle ameaçáva chicotear, o esperava para o obrigar a cumprír a promessa publicamente feita.

Mas, o cobardão, nunca apareceu.

Orador, o sr. Jaime Lima não possue um unico dote oratório; é a negação de toda a eloquencia.

Só o seu obcecante e cégo *snobismo* o arrasta e leva a maçar a gente num campo para que Deus o não fadou e que nós, só por uma excessiva benevolencia, aturâmos.

A ultima vez que o ouvimos falar, foi no sarau a José Estevam.

Os logares eram pagos.

A essa festa que não era politica, procurávam os seus promotores dar uma *nuance* franquista, embora a réclamassem com os nomes de oradores republicanos de vulto que, afinal, não viéram.

Fômos lá e apereceu o sr. Jaime, parolando. Pois ainda hoje se nos confrange comiseratívamente a alma, ao recordarmos a figura ridicula do sr. Jaime Lima.

Foi uma verdadeira miseria: — nem gestos, nem eloquencia, nem brilho, nem vivêza. Nada, nada. P'ra que viéra ali?

O sr. Jaime Lima, porque uma roda de insignificantes mentais aí o cérca, o incensa e o louva, mete-se a emprezas para que não tem fôlego.

Julgando-se em familia, no meio dessa roda de amigos e, perdendo o sentimento da gravidade das circumstancias — pespéga-nos um discurso aos solavancos, emperra aqui, encalha acolá. Uma lastima!

Déssa vez, se não fôra atendermos á gravidade do logar e á alta figura que ali se homenageava, tinhamol-o pateado.

O logar era pago e nós tinhamos o direito de o fazer.

Não se impinge gato por lebre, impunemente.

Quem assim fala, discursa em caso para quem o quizer ouvir e aturar.

Parece-nos ouvil-o ainda, na sua vóz sumida, repetir, referindo-se a José Estevam, — como que aliviando-se dum remorso, publicamente:

«Eu tenho-o amado, eu tenho-o amado».

Como se pudesse amar a memoria do insigne batalhador, defensor da liberdade, uma creatura que encarna a reacção politica e religiosa!

Mentira, sr. Jaime Lima! O sr. mentiu.

Apunhalal-a, procurar estrangulal-a, é que o senhor tem feito, auxiliando a reacção sob todas as formas em todo o tempo da sua vida.

Se José Estevam pudesse voltar... Ai dos Jaimes Limas! Ai dos vendilhões!...

Politicamente... Mas o espaço falta-nos e, por isso, no proximo numero tratarêmos déssa hemorroida politica.

O toque dos sinos

Por ter transgredido a lei que regula o toque dêstes instrumentos... de corda, foi agora multado em 5$000 reis e respectivos adicionaes, o sacristão de uma das egrejas da cidade, que cértamente não ficará com vontade de badalar, para o futuro, mais que os 5 minutos da tabéla.

Não tendo sido estas como outras multas inventadas para constituirem receita do Estado ou de qualquer repartição dêle dependente, mas sim para servirem de repressão ás transgressões, presumimos bem que a lição hade servir de exemplo ao sacrista com a vantagem de deixar de sobreaviso os colégas, não vá o raio caír-lhes em casa...

Os srs. escorropicha-galhêtas hão-de convencer-se que não são mais que *lord* Asquith e esse, apezar de filho do presidente do govêrno inglez, tambem ha dias foi multado em 15 *schelings* custas e sêlos do processo, por guiar um automovel sem licença.

Ou a lei não fôsse egual para todos: *lords* e sacristães...

Réclame

O nosso coléga local *A Liberdade* anuncia para o seu proximo n.º *A Semana Politica e Social do Estrangeiro* e a seguir:

A Semana Comercial e Industrial
A Semana Desportiva
A Semana Feminina
A Semana Piscatoria e Maritima
A Semana Militar
A Semana Agricola
A Semana Colonial
A Semana da Instrução
A Semana Literária e Artistica

Só escapou a *Semana Santa*; mas como é natural que fosse esquecimento a *Liberdade*, decérto, remediará a falta...

A Rua

Lembram-se de cérto os leitores dum artigo que aqui publicámos em 31 de Maio com o titulo da epigrafe no qual éra incitádo o govêrno a defender a Republica visto o estádo de exaltação em que os espiritos se encontravam, o desespero dos sincéramente republicanos, por não vêrem tomar medidas tendentes a acabar com a imoralidade das sistemáticas absolvições de conspiradores, nos tribunaes e, concerteza, se lembram tambem de que acabávamos essa coluna e meia de prosa com éstas palavras:

Tome, porém, sentido o govêrno: pela logica inevitavel dos factos isto terminará sim, mas por uma revolução de que será a verdadeira causa a passividade do ministério, se outro rumo não seguir em face dos acontecimentos.

Se a Rua é que ha-de ditar as leis, a Rua falará.

Pois conjugando com ésta profecía a estáda de prevenção de todos os regimentos, no dia 17, têmos que a Rua se achava disposta a falar se o novo govêrno, por causa das tricas e ambições manifestádas por varios homens públicos, se não constituisse com a brevidade que todos reclamávam. E a prova está nêste manifesto entregue pelos patrioticos revolucionarios ao governador civil do Porto em que se explicávam os intuitos do projectado movimento de *defeza da Republica*:

Cidadãos:

Viva a Republica Portuguêsa!

Ha tempos que os homens a quem foi incumbida a tarefa de realizar na administração do Estado republicano a aspiração de moralidade, justiça e liberdade, afirmada em desejo na jornada heroica de 5 de outubro, nos vêm dando a triste desilusão de uma vontade que se some perante os interesses que surgem: — deixando-se arrastar na senda criminosa da vaidade ferida põem acima de tudo o pequenino interesse de uma camarilha relegando para ultimo logar os mais sagrados deveres da Patria e as necessidades do povo que nêles tão generosamente confiou.

Foram os primeiros dias de Republica, na obra revolucionaria iniciada pelo seu primeiro govêrno, o crescer de uma esperança que levára o povo sacrificado por um regimen de torpeza e tiranía a esfacelar a obra de malvadez de uma realeza corruta. Não durou, porém, muito essa satisfação plena das aspirações da alma nacional. A vaidade crescia e nos homens que se supunham senhores porque eram idolatrados nas ideias que apregoávam e sentimentos que defendiam, surgiram falsos politicos, pequenos em obras de beneficio, grandes nas ambições a dirigir. E sendo assim, olhavam ao numero que lhes garantisse a sua força e não á qualidade dos homens que em torno se lhes agrupavam, em cujas mãos criminosamente deixaram a guarda da Republica. Assim se pôz termo á acção revolucionária, substituindo pela câmara a normalidade legal. Com esta veio então um parlamento onde em breve se reflectiam na sua divisão faciosa os interesses pessoais que já se haviam criado e surgem nessa normalidade estagnante novos ministerios. Mas se novos eram os politicos que os compunham, velhos se apresentaram no sistêma governativo, na transigencia e no favoritismo.

Favoritismo para com adversarios encapotados que procuravam incensatamente captar; transigencia com declarados traiçoeiros inimigos da Republica e da Patria; fraqueza moral dos supostos chefes de agrupamentos politicos que no espirito popular não se integraram, pareceu mostrar que á Republica fugiam as forças que a tinham erguido. Não é assim, porém. A unida-

VENTOSAS

Aos talássas

(Epigrafe dos anuncios da casa
Souto Ratóla nos jornaes.)

S. Ratóla. Bazar para venda forçada.
P'la barca de Coutinho ao Souto consignada
chega um rico sortido, e, todo o talassão
é tolo se lhe escapa agora esta ocasião.
Senhor's aproveitae! Uma pechincha cérta!
Ao bazar do *Ratóla!* Talassões, álerta!
Mijarêtas, Cibrões, Delmindas e *Fatias*,
ao bazar! Ocasião! São os ultimos dias!
Tudo quanto respeite ou fêda inda a *talássa*,
ali se vende ao kilo, ao litro ou mesmo á braça.
Toda a casta de caco e toda a porcaria
que de fórma qualquer relembre a monarquia,
alfinêtes, aneis, os mais extranhos broches
mui proprios p'ra lembrar infamias e deboches...
—o grande João Franco ainda não se arroja
—a ir fazer sortido em mais nenhuma loja,
damos quasi de graça. Ao gran fornecimento!
Ao comprador por junto ainda abatimento!

Dons Manueis de papel, de papelão e sóla,
por arrôba. Exigir a marca—*S. Ratóla*.
Sobre o trazeiro tem (que alguem a não desfaça...)
impréssa em fogo e negro a marca de—*talássa*.
Dois anos de succésso: as ventas milagrosas
dêste moço varão, dez mil milhões de grosas
em todo o Portugal, de autenticos milagres,
fizeram;—de Monsão até ao cabo Sagres.
Um retrato em cartão, basta só a presença
p'ra curar o freguez mesmo sem ter doença.
Afasta-lhe tambem os 'spiritos malinos
e é um bom advogado em mal dos intestinos.

Medalhas aos milhões, ou para usar ao peito
—e em mau olhado, então, é cérto o seu efeito,
ou p'ra usar de berloque em colête ou pulseiras.
Chagas originaes p'ra frades e p'ra freiras
p'ra todo o penitente e emfim p'ra o bom cristão
que é tambem bom talássa; o milheiro a tostão.
P'ra cartas de namoro, um ótimo papel
co'o retrato tambem do dito D. Manuel;
dão um resultado!... é lêl-as!... num instante
fica uma joven logo em 'stado interessante...
P'ra evitar que este dom provoque algum canudo
só póde usado ser pelo sexo barbudo...

Paivas Couceiros, mil, em postaes, medalhões;
os outros a dez reis, estes a tres tostões.
Co'os direitos ficou mais cara esta encomenda
mas é tambem, freguez, que isto é outra fazenda...
E' uma reliquia santa em casa um bom couceiro:
advogado feliz dos tolos com dinheiro,
uma véla de cêra e logo dos Brazis
chove o ouro aos quintais, aos potes e aos barris.
Dons Migueis ha tambem ao retalho ou por junto;
cada milagre assombra: uma vez um defunto
'sfregaram-lhe o nariz, deram-lhe um a cheirar
e o morto, vai, não vai, 'steve a resuscitar...
Se o freguez falecer use com mais cuidado
que déve dar decérto um bélo resultado.
Paivantes uns cem mil, e tudo p'ra comêço
se vende muito barato e sem questão de preço.

Ao bazar do *Ratóla*! á formidavel feira!
Terra do mexilhão, na rua da Costeira.
Vêr para crêr! Comprai! Constantes novidades!
Canastras, canastrões, mordomas e abades
antigos ex-irmãos em Cristo pela egreja
toda essa tropa que para avançar rasteja
da rua p'ra o altar, do altar p'rá sacristia
e sente do bragança ainda a nostalgia
ali encontrará uma pechincha cérta.
A nossa loja tem a porta sempre aberta.
Alfinêtes, aneis, medalhas de Loiola,
Paivas e Dons Manueis: Ao bazar do *Ratóla*!

* * *

de que nos politicos parlamentares e classes dirigentes se não observou, ergue-se no povo, erigida indestructivel, republicana como nunca, afirmando alto para que seja ouvida, que a obra da revolução terá de concluir-se. De novo éla traz á rua, no braço armado, forte pela vontade, seguro no golpe pela energia do seu valor, o gladio que repetidas vezes lhe firmou a independencia e traçou em lances de heroismo a epopeia das suas glorias. E que deseja? Pouco. Que o atual parlamento dê por finda a obra que não soube ou não quis realisar com verdadeiro espirito republicano; que o govêrno revolucionario, apoiado nas forças dêste movimento patriotico, dê completa execução á obra iniciada em 5 de outubro de 1910 pelo 1.º govêrno da Republica Portuguêsa.

Viva a integridade da Patria!
Viva a Republica popular!
Porto 18 de junho de 1912.

O comité patriotico da cidade.

MOVIMENTO MARITIMO

Barra de Aveiro

Entradas.—Dia 14: chalupa *Atlantico*, tonelagem 18,87. Mestre Manuel Gonçalves Vilão; tripulantes 5, carga petroleo, procedencia, Porto.

Dia 18.—Canôa de pesca *Leonor*, tonelagem 19,20. Mestre Domingos da Cruz; tripulantes 12, carga peixe, procedencia Lagos.

Saídas.—Dia 18: chalupa *Atlantico*, tonelagem 18,87. Mestre Manuel Gonçalves Vilão; tripulantes 5, carga lastro de agua, destino Porto.

Para Lisboa

Com escála por Coimbra, segue hoje á noite para a capital o director désta folha.

Aviso aos *jornalistas*... de quatro mãos.

NOTAS DA CARTEIRA

De regresso de Cabinda, chegou á sua casa de Verdemilho o nosso amigo e assinante sr. João dos Santos Veiga, cuja visita muito lhe agradecêmos.

O sr. Veiga, que na semana proxima contráe matrimonio com uma sua patricia de nome Sezaltina de Jesus Madail, presada irmã do nosso prestante amigo Antonio dos Santos Madail, tenciona demorar-se no continente alguns mezes, depois do que voltará ás suas ocupações na Africa como empregádo duma das mais importantes casas comerciaes de ali.

Desejâmos-lhe todas as felicidades.

= Fez na segunda-feira tres anos a menina Fernanda, interessante filhinha do sr. Lopes Mateus, digno tenente de infanteria 24.

Os nossos sincéros parabens.

= De passagem, esteve em Aveiro o sr. Antonio Candido Moreira.

= Está doente a esposa do sr. Antonio Augusto da Silva.

= Têve ontem a sua *délivrance* dando á luz uma menina a sr.ª D. Maria Lucia de Mélo e Brito, esposa do nosso bom amigo Antonio Constantino de Brito, farmaceutico estabelecido em Pinheiro.

Aos paes e avós da recemnascida muitos e sincéres parabens.

= Seguiu para Vidago o nosso amigo Alberto Rosa, conceituado comerciante local.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

CORRESPONDENCIAS

Oliveira de Azemeis, S. Roque, 10

Trapáças paroquiaes administrativas, ou uma comissão paroquial administrativa procurando ilegalmente entregar a um antigo cacique da monarquia bens comuns duma freguezia

Urge, para honra e moralidade da Republica, que todos devemos defender da cubiça jesuitica e livrar das garras do antigo caciquismo, que uma sindicancia rigorosa se faça aos actos da referida comissão, para o que chamâmos a atenção das autoridades competentes.

Que a referida sindicancia se impõe, proval-o-emos apresentando ao publico algumas das obras mais edificantes por aquela comissão praticadas, convindo notar-se que tal corporação foi organisada por um antigo cacique da monarquia, *habitué* semanal do confissionario e, por isso, feita á sua imagem e similhança.

Cumpre-nos, todavia, dizer que, a dentro da mesma corporação, creaturas ha que nos merecem consideração e que o publico bem sabe serem arrastadas pelas habilidades do vice-presidente, que tudo dirige ás ordens do *patrão* que lhe deu o ser e a quem desejava entregar o que é da freguezia, como se vae vêr.

Em tempo, não muito distante, aforou legalmente a junta de paroquia désta freguezia diferentes baldios deixando outros por aforar; entre os primeiros encontra-se uma gleba de terreno aforado a Domingos Luis da Silva, *patrão* da actual corporação, a qual se acha o mais perfeita e clararamente possivel, confrontada e identificada visto que, como se vê do respectivo auto da arrematação, parte com caminho publico por tres dos seus lados, e achando-se descritos os seus metros e a menos que não a mais, como costume velho; e entre os segundos, isto é, os que não fôram até hoje aforados, figuram tres outras pequenas glebas, a norte daquéla, mas déla separadas pelo caminho publico a que aludimos.

Apesar da clara confrontação daquéla gleba, o seu arrematante e *patrão* da actual comissão, cubiçando as tres outras que lhe ficavam proximas, principiou o estudar a fórma de se apoderar délas e, nêsse sentido, vem ha alguns anos já dirigindo os seus *golpes* (naturalmente com as boas intenções com que frequentemente procura o confessionario) mas sendo verdadeiramente extraordinario e monstruoso o que ha dois mezes se tem passado na Comissão Paroquial!

Como professor de instrucção primaria, cheio de basofias e nada mais, que a Republica houve por bem aposentar, calculava que era tão facil apoderar-se das tres cubiçadas glebas, como apresentar alunos a exame habilitados apenas a reprovação certa, no que aliás era eximio.

Assim, passados tempos, apresenta-se numa sessão da junta e verbalmente requer que *afim de evitar equivocos que de futuro se poderão dar nas confrontações da sua gleba* (sic) *lhe legalisasse as mesmas pela fórma que passou a indicar* e alterar então essas confrontações por fórma que faz compreender dentro délas as tres cubiçadas glebas, sem atender nem a excesso de medições, nem ainda á reparação completa que existia e existe entre elas e a que êle havia arrematado.

Conseguindo que a corporação lhe deferisse o seu pedido, *deliberação que é ilegal e nula porque importa alienação de terrenos que só póde ser feita em hasta publica, precedida de éditos e de expressa aprovação superior*, como claramente determinam as leis administrativas, consegue mais que o secretario de então, hoje falecido, lhe passe uma certidão do auto de arrematação com confrontacões diferentes das que do mesmo constam e essa certidão, assim falsificada, submete-a, registo na conservatoria da comarca, registo que é de recente data e, por isso, de nenhum efeito prescritivo!!!

Como tudo se tivesse passado sem revelação alguma até ha pouco e como o *mestre* julgava consumada a sua obra se apresentasse agora a querer manifestar-se senhor das tres glebas, tudo se descobre, tudo se esclarece.

Assim, existindo numa das tres cubiçadas glebas um barreiro público aonde custumavam ir os habitantes do logar, aparece o *patrão* a impedir o uso publico daquêle, declarando que o mesmo era seu hoje, porque o havia aforado, como poderiam certificar-se na Junta.

Visinhos e proprietarios, alarmados com tal declaração e procurando inquirir do que se passava, obtem da corporação as seguintes informações, transmitidas pela bôca do seu vice-presidente *que é quem tudo lo manda*: que Domingos Luis da Silva *(o patrão)* apresentara em sessão um requerimento em que pedia que lhe fôsse lançado fôro ao que possuisse a mais do que o que tinha aforado, para que se não dissésse, como já tinha ouvido, que *possuia bens ao alto;* que a comissão o aconselhava a retirar esse requerimento, como ele fez, e apresentasse, como apresentou um outro em que pedia a rectificação da medição da sua gleba mas fazendo compreender nesta as tres que lhe ficavam proximas e que eram da freguezia, e se lhe lançasse o fôro proporcional pelos metros que possuisse a mais; que efectivamente a corporação, em vistoría, tinha procedido a essa retificação e lhe arbitrára o fôro que entendeu; e que finalmente as tres glebas eram agora do *patrão!!*

Consultando os mesmos visinhos, por intermedio nosso, uma autoridade no fôro (cuja minuta temos em nosso poder e poderá ser lida por quem a quizer vêr), foi a mesma de opinião que se apresentasse á corporação um requerimento em que se lhe mostrasse a ilegalidade das deliberações tomadas, como nulas eram e são as que sejam tomadas para alienação dos terrenos, sem que esta se faça em hasta pública. Assim o fizemos, mas, tendo a corporação mandado transcrever integralmente o nosso requerimento na acta da sessão, indefere-o sem fundamento algum!!

Tendo tal deliberação excitado os animos, na sessão imediata aparece o *patrão*, de combinação com o vice-presidente, a *entregar*, á corporação o uso do barreiro, pedindo que lhe fôsse retirado o fôro que lhe haviam arbitrado, mas que se lhe reconhecesse o direito a tudo quanto ali se creasse e assim é resolvido, mas não sem o nosso protesto que se acha consignado na acta.

Nesta sessão, o secretário, que era da corporação, genro do *patrão*, entrega o livro das actas, abandona o serviço e faz-se a substituição por outro, sem demitir aquêle! Na mesma ainda apresentámos um requerimento pedindo o aforamento em hasta pública das duas glebas de que o *patrão* tentava apoderar-se e, sendo lançado no mesmo o disparatado despacho *a informar* e depois de estar consignado na acta, observámos que eram nulas as deliberações tomadas por nélas votar um cunhado do *patrão*, sem cujo voto não tinham numero legal para funcionar; suspendem as deliberações e resolvem encerrar a acta e lavrarem uma outra apenas para a proposta dum atestado de pobreza, que já naquéla estáva requerido e deferido!

Em virtude da suspensão aludida, comparecemos na sessão imediata a lembrar aquêle nosso requerimento e, depois de na acta fazerem consignar o despacho de *a informar, para oportunamente ser resolvido*, sob proposta do vice-presidente, delibera mais ir a corporação no dia 9, proximo, pretérito, á gleba aforada por Domingos Luis da Silva para, em vistoría, *na mesma marcar uma cérta e determinada largura aos caminhos e servidões particulares e, pondo estes em reclamação, terminada ela, examinar a area de todas as* **facções** *que se encontram dentro do que consta duma só gleba, para de aí se tirar a quantidade de terreno pertencente ao arrematante e lançar-se o fôro proporcional pelo que tenha a mais* (acta da sessão de 26—5.º—912)!!!

Quando apresentámos o requerimento referido, objectou-nos o *patrão*: *não admira, que já houve quem dissésse que os proprietarios eram méros detentores da propriedade!* Ainda que não adotêmos essa doutrina, defendida aliás por mentalidades superiores, verdadeira é, sem duvida, esta: *proprietarios ha que são peores que detentores, porque são usurpadores* e no numero dêstes, se contam alguns que hipocrita e frequentemente ajoelham ao confessionario.

Conforme a deliberação tomada, tivémos ocasião de no dia 9 observar o espetaculo de mais uma medição dirigida pelo vice-presidente e á ordem do *patrão*, que, no final, como era de esperar, mandou dar pada e vinho.

Néssa medição deixaram *para caminhos vicinaes a insignificancia de seis metros de largura (!!)* e quatro para servidões particulares, tudo com o fim de tirar á gleba aforada pelo *patrão* grande numero de metros e arranjarem uma razão para integrarem néla as duas outras glebas, confórme a cubiça jesuitica do mesmo, cujo aforamento em hasta pública nós pedíramos. Não obstante, *todas as bôas intenções e apezar da generosidade da corporação para o público*, ainda assim a medição excedeu e hade exceder sempre a que consta do auto de arrematação, por não quererem cingir-se a êle, como deviam e são obrigados.

Para mostrar a moralidade da administração paroquial, emquanto ali se pretende deixar seis metros de largura desnecessarios, o vice-presidente da corporação tapa sem licença um terreno que aforou junto a um caminho público de grande transito que não chega a ficar com tres metros de largura! Isto é unico cértamente!

Haja justiça e moralidade, ou continuamos como estavamos no tempo da monarquia?

A Republica, como regimen democratico, que todos devemos amar e defender não consentirá que actos dêstes continuem a praticar-se, esperando nós que justiça seja feita.

O que dissémo é a expressão da verdade; disso se poderá certificar a comissão distrital administrativa pelo confronto das ultimas oito actas da comissão paroquial com o respectivo auto de arrematação; e póde ser comprovado pelo testemunho da freguezia e ainda o garantimos pela nossa honra.

Mais factos podiamos relatar, mas a sindicancia os póde ainda melhor apurar. Aguardamol-a e, se acaso não fôrmos atendidos, voltarêmos ao assunto.

Domingos Rebêlo.

Pinheiro, 17

O correspondente de Pinheiro para o *Correio de Albergaria* diz que o povo da freguezia de S. João de Loure, reclama justamente um novo empregado para o posto do registo civil, visto que a permanecer o referido posto fechado, traz um grande augmento de despeza e trabalho a quem precisar dos seus serviços e tem de recorrer á vila.

O que esqueceu ao correspondente foi indicar quem estará nos casos de poder desempenhar aquélas funções.

= De regresso da capital vimos a sr.ª D. Ermelinda Faca, acompanhada de seus filhos, mana e cunhado o sr. Francisco de Souza e Castro e D. Emilia Faca, recentemente chegados de Lobito—Africa. Ss. ex.as ao que nos consta, durante todo o percurso fizeram uma béla viagem. Apresentâmos os nossos cumprimentos a tão ilustre familia assim como á sr.ª D. Amelia Pinto Faca, que de Aveiro os acompanhou até aqui.

=Foram profusamente distribuidos por aqui no domingo, prospectos, anunciando a abertura dum estabelecimento de mercearia pertencente ao nosso amigo Antonio Peres de Almeida, de Anjeja. Desejamos as maiores prosperidades de que tão digno é o seu proprietario.—C.